

A fidelidade à visita de Deus para as próximas gerações

Nesta Catequese, o Papa Francisco se concentra no que pode ser aprendido com duas figuras de anciãos: Simeão e Ana, que "reconhecem a presença do Senhor no Menino Jesus, que enche sua longa espera de consolo e acalma sua despedida da vida".

30/03/2022

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário de catequese sobre o tema da velhice, hoje olhamos para o terno quadro pintado pelo evangelista São Lucas, que mostra a cena de duas figuras de idosos, Simeão e Ana. A sua razão de vida, antes de se despedir deste mundo, é aguardar a visita de Deus. Esperavam que os visitasse Deus, ou seja, Jesus. Simeão sabe, através de uma premonição do Espírito Santo, que não morrerá antes de ter visto o Messias. Ana vai ao templo todos os dias, dedicando-se ao seu serviço. Ambos reconhecem a presença do Senhor no Menino Jesus, que enche de consolação a sua longa espera e tranquiliza a sua despedida da vida. Esta é uma cena de encontro com Jesus, e de despedida.

O que podemos aprender com estas duas figuras de anciãos cheios de vitalidade espiritual?

Entretanto, aprendemos que a fidelidade da espera *aguça os sentidos*. De resto, como sabemos, o Espírito Santo faz exatamente isso: *ilumina os sentidos*. No antigo hino *Veni Creator Spiritus*, com que ainda hoje invocamos o Espírito Santo, dizemos: "*Accende lumen sensibus*", acende uma luz para os sentidos, ilumina os nossos sentidos. O Espírito é capaz de o fazer: aguçar os sentidos da alma, apesar dos limites e das feridas dos sentidos do corpo. À velhice debilita, de uma forma ou de outra, a sensibilidade do corpo: um é mais cego, outro é mais surdo... No entanto, uma velhice que se exerceu na expectativa da visita de Deus não perderá a sua passagem: aliás, estará ainda mais pronta para acolher, terá mais sensibilidade para receber o Senhor quando Ele passar.

Recordemos que a atitude do cristão consiste em estar atento às visitas do Senhor, porque o Senhor entra na nossa vida com inspirações, com o

convite a sermos melhores. E Santo Agostinho dizia: “Tenho medo de Deus quando Ele passa” - “Mas por que tens medo?” - “Tenho medo de não o ver e deixá-lo passar”. É o Espírito Santo que prepara os sentidos para compreender quando o Senhor nos visita, como fez com Simeão e Ana.

Hoje, mais do que nunca, precisamos disso: temos necessidade de *uma velhice dotada de sentidos espirituais vivos* e capaz de reconhecer os sinais de Deus, ou seja, o Sinal de Deus, que é Jesus. Um sinal que sempre nos põe em crise: Jesus põe-nos em crise porque é "sinal de contradição" (Lc 2, 34) - mas que nos enche de alegria. Porque a crise não nos traz necessariamente tristeza, não: estar em crise, prestando serviço ao Senhor, muitas vezes dá-nos paz e alegria. A *anestesia dos sentidos espirituais* - e isso é terrível - a anestesia dos sentidos espirituais, na

excitação e atordoamento dos sentidos do corpo, é uma síndrome generalizada em uma sociedade que cultiva a ilusão da juventude eterna, e a sua característica mais perigosa consiste em ser quase inconsciente. Não se tem a consciência de estar anestesiado. E isto acontece: sempre ocorreu e continua a acontecer nos nossos tempos. Os sentidos anestesiados, sem compreender o que acontece; os sentidos interiores, os sentidos do espírito para compreender a presença de Deus ou a presença do mal, anestesiados, não distinguem.

Quando perdemos a sensibilidade do tato ou do paladar, damos-nos imediatamente conta. A da alma, a sensibilidade da alma, ao contrário, podemos ignorá-la por muito tempo, viver sem nos darmos conta de que perdemos a sensibilidade da alma. Ela não se refere simplesmente ao pensamento de Deus ou da religião.

A insensibilidade dos sentidos espirituais diz respeito à compaixão e à piedade, à vergonha e ao remorso, à fidelidade e à dedicação, à ternura e à honra, à responsabilidade própria e à dor pelo próximo. É curioso: a insensibilidade não te faz compreender a compaixão, não te faz entender a piedade, não te faz sentir vergonha ou remorso por teres feito algo mau. É assim: os sentidos espirituais anestesiados confundem tudo e, espiritualmente, já não sentimos tais coisas. E a velhice torna-se, por assim dizer, a primeira perda, a primeira vítima desta perda de sensibilidade. Em uma sociedade que exerce a sensibilidade sobretudo por prazer, só pode haver a perda de atenção pelos mais frágeis e prevalecer a competição dos vencedores. É assim que se perde a sensibilidade. Certamente, a retórica da inclusão é a fórmula ritual de cada discurso politicamente correto.

Mas ainda não confere uma verdadeira correção às práticas da normal convivência: *uma cultura da ternura social tem dificuldade de crescer*. Não: o espírito da fraternidade humana - que julguei necessário relançar com força - é como uma peça de vestiário descartada, para admirar, sim, mas... em um museu. Perde-se a sensibilidade humana, perdem-se estes movimentos do espírito que nos tornam humanos.

É verdade, na vida real podemos observar, com comovente gratidão, muitos jovens capazes de honrar até ao fundo esta fraternidade. Mas o problema é exatamente este: existe um descarte, um descarte culpado, entre o testemunho desta linfa vital da ternura social e o conformismo que obriga a juventude a contar a sua história de modo completamente diferente. O que podemos fazer para preencher esta lacuna?

Da narração de Simeão e Ana, mas também de outras histórias bíblicas da velhice sensível ao Espírito, vem uma indicação oculta que merece ser trazida à tona. Em que consiste concretamente a revelação que estimula a sensibilidade de Simeão e Ana? Consiste em reconhecer em uma criança, que eles não geraram e que veem pela primeira vez, o sinal certo da visita de Deus. Eles aceitam que *não são protagonistas, mas apenas testemunhas*. E quando um indivíduo aceita não ser protagonista, mas se compromete como testemunha, tudo bem: aquele homem, aquela mulher, amadurece bem. Mas se tiver sempre vontade de ser protagonista, nunca amadurecerá neste caminho rumo à plenitude da velhice. A visita de Deus não se encarna na sua vida, daquele que quer ser protagonista e nunca testemunha, não os põe em cena como salvadores: Deus não se encarna na sua geração, mas na

geração vindoura. Perdem o seu espírito, perdem a vontade de viver com maturidade e, como se costuma dizer, vivem superficialmente. É a grande geração dos superficiais, que não se dão ao luxo de *sentir* as coisas com a sensibilidade do espírito. Mas porque não se dão o luxo? Em parte, por preguiça, e em parte porque já não podem: perderam-na. É mau quando uma civilização perde a sua sensibilidade de espírito. Por outro lado, é bom quando encontramos anciãos como Simeão e Ana que mantêm esta sensibilidade do espírito e são capazes de compreender situações diferentes, pois estes dois compreenderam esta situação que os precedeu, que era a manifestação do Messias. Nenhum ressentimento ou recriminação por isto, quando se encontram nessa condição estática. Ao contrário, grande emoção e grande consolação, quando os sentidos espirituais ainda estão vivos. A emoção e a consolação

de poder ver e anunciar que a história da sua geração não se perde nem se desperdiça, precisamente graças a um acontecimento que se encarna e se manifesta na geração seguinte. E é isso que uma pessoa idosa sente quando os seus netos vão falar com ela: sentem-se reavivados. “Ah, a minha vida ainda é aqui”. É tão importante ir ao encontro dos idosos, é tão importante ouvi-los. É tão importante falar com eles, porque existe essa troca de civilização, essa troca de maturidade entre jovens e idosos. E assim, a nossa civilização prossegue de uma forma madura.

Só a velhice espiritual pode dar este testemunho, humilde e deslumbrante, tornando-o influente e exemplar para todos. A velhice que cultivou a sensibilidade da alma *extingue toda a inveja entre as gerações*, todo o ressentimento, toda a recriminação pelo advento de Deus

na geração seguinte, que chega com a despedida da própria. E isso é o que acontece a um idoso *aberto*, a um jovem *aberto*: despede-se da vida, mas entrega - entre aspas - a sua vida à nova geração. E essa é aquela despedida de Simeão e Ana: “Agora posso ir em paz”. A sensibilidade espiritual da velhice é capaz de interromper a competição e o conflito entre as gerações de modo credível e definitivo. Ultrapassa esta sensibilidade: os idosos, com essa sensibilidade, ultrapassam o conflito, vão além, caminham para a unidade, não para o conflito. Isso é certamente impossível aos homens, mas é possível a Deus. E hoje precisamos tanto dela, a sensibilidade do espírito, a maturidade do espírito, precisamos de anciãos sábios, maduros em espírito, que nos deem esperança para a vida!

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/a-
fidelidade-a-visita-de-deus-para-as-
proximas-geracoes/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/a-fidelidade-a-visita-de-deus-para-as-proximas-geracoes/) (16/08/2025)